

Vendaval

Personagens

Ana

Maria Cândida, irmã de Ana, um pouco mais velha

A mãe, já falecida

O pai, já falecido

O motorista

O moço da bicicleta

O amigo do pai

O policial

Cliente de Ana

Amigos de Maria Cândida

Simone, a amiga de Maria Cândida

Considerações iniciais

Vendaval trata do importante encontro e do acerto de contas de duas irmãs depois de muitos anos. Embora seus pais já tenham falecido (o pai por conta do movimento militante nas ferrovias, a mãe pelo estado de abandono), eles se relacionam com o presente da ação, na tentativa de convívio de tempos e planos diferentes, sem se configurar como *flash black*, ou seja: em ***Vendaval***, a memória ativa convive com o tempo presente “de igual para igual”, afetando a relação das irmãs.

Algumas cenas (Cena 05 e 06 e Cenas 9 e 10) são como repetições, ainda que um pouco diferentes, as quais chamamos de cenas *faux raccord* (“falsa conexão”). Tais cenas sugerem que os fatos poderiam ter acontecido de outra maneira, segundo o desejo e a imaginação das personagens.

Cena 1. NA CIDADE GRANDE

(Num apartamento de cidade grande, Maria e seus amigos comemoram seu aniversário.

Maria está aparentemente feliz. Recebe muitos elogios, sorri muito simpática.)

MARIA

Vou colocar uma música. Eu adoro, essa. Dá sorte, ouvi-la com amigos no dia do aniversário. Quem escuta junto essa música no aniversário, fica junto pra sempre!

(Ela põe a música. Os amigos agradecem, abraçam-na, vibram muito. Vão juntos à mesa para beber e conversar.)

MARIA

Hoje eu acordei muito feliz!

AMIGA

Que bom, dá pra perceber.

OUTRA AMIGA

Seus olhos estão brilhando.

UM AMIGO

Parabéns, Maria.

SIMONE

Eu estava dizendo pra eles o quanto vejo que você está feliz, o quanto a gente nota a diferença, você esta iluminada, parabéns, feliz aniversário.

(Simone levanta e dá um abraço em Maria e um pequeno presente; ela recebe um pouco constrangida.)

Eu espero que esse ano seja maravilhoso pra você. Conte comigo.

MARIA

Um brinde! Que sejam muitos anos de amizade e de felicidade!

(Os amigos fazem um brinde alegre e ruidoso.)

MARIA

Obrigada, gente. Muito obrigada, mesmo. Assim eu fico com vergonha! Não mereço tudo isso.

AMIGA

Merece, sim.

OUTRA AMIGA

Imagina, você está linda mesmo.

Não vai abrir o presente?

MARIA

O presente? Ah, sim. *(Ela abre o pacote e vê uma espécie de aliança prateada)* Ah, um anel? Bonito, né? Obrigada, Simone.

SIMONE

De nada. Que bom que gostou.

Eu vou buscar mais gelo.

(sai para a cozinha)

AMIGO

E então, Maria, quais são os planos daqui pra frente?

MARIA

Nada de novo, não. Talvez esteja querendo ficar um pouco mais sossegada, não trabalhar tanto. Ando cansada, sabe?

(Simone volta da cozinha com um bolo nas mãos)

SIMONE

Vamos cantar parabéns?

MARIA

Já? Não, ainda é muito cedo! Nossa festa nem começou direito...!

SIMONE

Vamos cantar, sim, ninguém vai embora cedo, certo? Mais tarde a gente pode cantar mais uma vez, se você quiser.

MARIA

Espera, espera um pouco, não acendam ainda as velas ainda, eu preciso ir ao banheiro, rapidíssimo, já volto, esperem um pouco!

(Maria sai da sala em direção ao banheiro. Ela entra, fica atrás da porta fechada. Ela ainda escuta as conversas dos amigos, que estão alegres.)

MARIA

Eu não gosto de aniversário, eu detesto aniversário. O tempo é terrível. Eu queria ficar sozinha, mas não consigo. Eu queria apagar tudo da memória e da cabeça, ainda que fosse por alguns instantes, sentir-me como que mergulhada no tempo parado e quente. Eu não aguento mais, que me desculpem todos, mas eu não aguento mais. Não aguento o tempo, nem essas risadas, nem a falta de tudo aquilo que um dia existiu em mim... e fora de mim...

A criança que eu fui não se lembra de quase nada. Difícil. A criança que eu fui não sonhava com nada. A criança que eu fui não sonhou com a vida. Fui me apaixonando diretamente pelo que ia encontrando no caminho. Não escolhi nada, não sonhei com nada, fui aceitando o que aparecia, e sempre apareceu. A criança que eu fui não planejou nada, nunca. Eu fui seguindo pelo caminho, sem sonhar. Fui atrás do que me apaixonou. Fui atrás de algo que eu não via o rosto. Difícil. Eu não sei o que fazer. Estou dividida em mil

pedaços. Se alguém me pergunta “o que foi?” eu jamais conseguirei responder. Eu pareço feliz. A criança que eu fui grita dentro de mim e me chama. Difícil. Cada um tem lá seu jeito de matar pulgas, dizia meu pai. Eu fui atrás, fui caminhando, sem ponderar, sem ter prudência, segui. A criança que eu fui não lembra de quase nada. Nunca ficou doente. Esboço na memória um sorriso de minha mãe: difícil. Quem mais, ao lado dela? Quem mais, na foto? Quem mais?!? Não vejo nada. Eu pareço feliz. Sou inquieta por dentro. Vou apagar essa luz. Lá fora está escuro.

(Ela escuta os amigos cantando o “Parabéns a você”, de uma maneira provocativa para que ela volte à sala. Maria escuta.)

(A amiga Simone bate à porta com delicadeza. Fala do outro lado da porta.)

SIMONE

Maria? Maria? Tudo bem? Você está bem? Escuta: estão todos esperando.

Vem?

(pausa, silêncio)

Pode sair daí? Por favor?

(Maria abre a porta e deixa Simone entrar. As duas ficam por um momento em silêncio. Maria se senta no chão do banheiro, atrás da porta. Simone faz o mesmo.)

SIMONE

Você está indo, né?

(Silêncio)

O que eu posso fazer pra que você fique?

(Silêncio)

Está bem, não vou pressionar. É seu aniversário, eu sei que você fica sensível.

MARIA

(Tira o anel do dedo e oferece para Simone)

Fica com isso. Eu não mereço.

SIMONE

Não faça isso, não assim.

MARIA

É difícil.

SIMONE

Pra mim não é difícil. É um presente. Aceita. É só um presente, se você preferir assim. Não quer dizer nada que você não quiser. Aceita?

MARIA

(Volta a colocar o anel no dedo)

Lembrei de uma história que meu pai contava. Sobre um homem que era rico mas só comia pão e água. Aí esse homem aprendeu que era preciso alimentar-se de bom vinho e boas comidas para entender que as outras pessoas não podem comer pedras.

Porque, se ele comia só pão e água, sendo rico, podia achar que os outros nem disso precisavam...

SIMONE

(cortando)

Eu entendi. Não precisa explicar a história. Eu vou para a sala. Te espero lá.
(Simone sai e deixa Maria sozinha. Ela escuta que os amigos colocaram de novo a mesma música do início, e cantam alto, chamando-a para a sala.)

Cena 2. NA CIDADE PEQUENA

(É manhã. Ana está sozinha, na soleira da porta de sua casa, no que seria uma pequena cidade do interior. Está preparando um pequeno cartaz com a palavra “VENDE-SE”, que só ficará pronto ao final da cena.)

(Um vento começa, um pouco forte, e mexe os cabelos de Ana, atrapalhando um pouco a preparação do cartaz. Ela larga um pouco o que está fazendo para sentir o vento no rosto.)

ANA

Olha lá, lá vem o vento...! Sem o trem, dessa vez. Sem o pai maquinista acenando. Aquilo tudo acabou. Agora é tudo... Sou eu. É isso. Eu.

Eu me lembro que houve um dia exatamente igual ao de hoje. Tinha amanhecido um sol claro, num céu azul, mas lá pelas nove da manhã o trem que estava chegando na estação trouxe junto com ele um vento muito forte, varrendo tudo. Ninguém conseguia descer direito do trem, nem subir. Olhando daqui da janela era muito engraçado. Porque tinha gente correndo pra todo lado atrás de boné, gente segurando a saia pra não levantar, papel voando... Foi um custo para o trem conseguir sair. O boné do meu pai voou

também, saiu da cabine do maquinista e foi parar lá dentro do lago. O que a gente via daqui era um maquinista barbudo, dando risada, sem o boné... Meu pai de longe não parecia pai, parecia um gigante, o dono do trem. Meu pai acenava com a mão, me procurava de longe, gesticulando uma coisa que a gente também não entendeu nada. Eu dei muita risada. Ele sabia que eu sempre vinha pra varanda quando o trem chegava.

(Ana sente de novo o vento em seus cabelos, volta a trabalhar no cartaz.)

Eu sou confiável. Eu estou no tempo presente. E no presente é possível confiar. Vê? Olha pra mim. Eu sou confiável. Eu sou o que eu faço, agora. O presente é o que podemos demonstrar. O passado e o futuro, não.

(Ela escuta o apito do trem. Fecha os olhos para escutar melhor.)

É bonito. A força do vento deve ter espalhado bem rápido a fumaça do apito, perto da chaminé. Como se fosse um grande sopro, de alguém que apaga uma vela de aniversário. Bonito.

(Ana vai colocar a placa de “VENDE-SE” na frente da casa. Ela sobre num banquinho, com dificuldade, estica-se muito para alcançar o prego, quase cai. Passa um moço de bicicleta na frente da casa, vê a dificuldade de Ana.)

MOÇO DA BICICLETA

(depois de ficar olhando um pouco, dando risada do esforço dela)

Ei! Ana! Não quer ajuda, não? Vai cair daí, hein?

(Ana não responde, continua tentando alcançar o prego para por a placa.)

Ei! Não quer ajuda, não?

(Ana não responde)

Bom, depois que cair não vai reclamar. Você é muito metida, sabia? Quero mais é que você cai de cara no chão mesmo. Daí eu vou dar risada. *(Ele ri)*

É por isso que você está sozinha. Porque não deixa ninguém chegar perto. Se acha muito suficiente pra si mesma. Eu nem ligo pra você. E já esqueci de tudo, também. Eu nem me importo.

(Ana não responde)

Eu nem ligo pra você, está ouvindo? Você é uma idiota. Eu vou embora. Dane-se.

(Ele vai embora. Ana percebe que está sozinha de novo. Sem ainda conseguir colocar a placa, desce do banquinho e se senta no degrau da escada da varanda. Joga a placa de lado, coloca a cabeça entre as mãos. O vento mexe de novo em seus cabelos.)

Cena 3. A CAMINHO DO ENCONTRO

(Maria está do lado de fora do que parece ser um aeroporto. Tem um pequeno buquê de flores nas mãos. Muita gente passa por ali, ela checa as horas com nervosismo. Olha para o anel que tem nas mãos. Tira-o, vai jogá-lo no lixo, mas desiste e guarda na bolsa. Seu telefone celular toca, ele vê

quem está chamando, não atende. Olha de novo no relógio, com impaciência.

Maria nota que ao seu lado uma menina a olha com curiosidade, e encara a menina de volta.)

MARIA

O que é que está olhando? *(a menina não responde)* Onde está sua mãe? E seu pai, tanto faz, cadê? Você parece alguém que eu conheço. *(A menina não responde)* Quantos anos você tem?

Não fica olhando assim pra mim, ok? Por certo não faltam a nós duas motivos para rir, ou chorar. Não será uma criança idiota qualquer que vai me dizer o que devo ou não fazer. Rir ou chorar?, rir ou chorar?, rir ou chorar?,... continuamos assim e isso vira um balanço, uma cantiga de ninar, e você em breve vai adormecer em pé, aí, parada, me olhando.

(a menina não responde, e continua olhando para Maria.)

O que é que você está olhando, hein?

(Um motorista chega perto de Maria)

MOTORISTA

Maria Cândida? É a senhora?

(Maria, como num susto, levanta-se, muito rápido.)

MARIA

Sim, sou eu, o que você quer?

MOTORISTA

Desculpe, eu não queria assustar você.

MARIA

Não assustou. O que você quer?

MOTORISTA

Se a senhora é Maria Cândida, eu sou o motorista que vai levá-la para a casa de sua mãe. Não é isso?

MARIA

Ah, sim, obrigada, desculpe, estava distraída. Sou eu, sim.

MOTORISTA

Posso pegar a sua mala?

MARIA

Por quê? Ah, sim, pode, desculpe.

MOTORISTA

Por aqui, por favor.

(o motorista sai com a mala de Maria, mas ela permanece em pé no mesmo lugar, procurando a menina com os olhos, absorta. O motorista volta)

A senhora não vem?

(Maria o segue até o carro, os dois começam a viagem)

MARIA

Quanto tempo demora pra gente chegar?

MOTORISTA

(entrega um papel a ela com o endereço)

Veja se o endereço da casa da sua mãe está correto, por favor. Se estiver, em vinte minutos estaremos lá.

MARIA

Quem te disse que era a casa da minha mãe?

MOTORISTA

É o endereço que eu tenho, eu imaginei que fosse.

MARIA

Não é a casa da minha mãe, ela já morreu faz 3 anos.

MOTORISTA

Agora que tem aeroporto por aqui ficou muito mais fácil. Antes era só de trem que as pessoas conseguiam chegar.

MARIA

É, eu me lembro disso. Faz tempo.

MOTORISTA

As pessoas dizem que as coisas estão piorando ainda mais, mas eu não acho. Antes disso aqui que a senhora está vendo estava tudo sujo, as calçadas destruídas, as casas todas alugando, mas agora está diferente. As pessoas reclamam, mas eu não entendo o porquê.

MARIA

Talvez o senhor prefira ser otimista.

MOTORISTA

O aeroporto melhorou tudo. Antes, se uma pessoa precisava de um médico urgente, tinha que pegar a estrada ruim até uma cidade grande. A minha esposa morreu por causa disso. Eu ainda era motorista de caminhão, e estava fazendo uma viagem muito longa. Eu não estava aqui pra ajudar, e então ela ficou doente e não foi procurar um médico, porque era longe demais, ela estava sozinha, não quis ir. Depois de uma semana meu filho

veio visitá-la e viu que precisava sair correndo pro hospital. Ela já estava muito fraca. Pegaram a estrada ruim, demorou demais, ela chegou já quase sem respirar. Muito triste. Eu voltei às pressas porque meu filho me telefonou, mas eu estava muito longe e não deu tempo.

(Maria não diz nada, abre a janela do carro e sente o vento nos cabelos)

Se fosse hoje seria diferente. A estrada está melhor, por causa do aeroporto. Não deu tempo. Eu gostava de ser caminhoneiro. Eu ficava bastante tempo fora de casa, mas gostava de conhecer outros lugares, outras pessoas. Um dia eu dei carona para um casal de hippies. Sabe, hippies? Eu pensei “ih, essa viagem vai ser engraçada”, mas não é que os dois eram muito inteligentes? Eu fiquei surpreso. Eles tinham ideias muito boas sobre o mundo, tudo mais. Eram estudados, conheciam muitos lugares, outras culturas. Eles decidiram viver livres, soltos, era uma escolha que fizeram, mesmo. Gostei deles. Depois parei com o caminhão. Agora, só esse taxi mesmo, que eu já estou meio cansado.

(Eles escutam um barulho, o carro bateu em alguma coisa, o que assusta Maria. O motorista para e desce do carro.)

Fique aqui, por favor, eu vou lá ver o que foi isso.

(Ele vai até atrás ver o que foi, Maria está apreensiva. Ela tenta olhar através da janela, mas não consegue ver nada. O motorista volta, liga o carro e saem dali.)

MARIA

O que foi? O que foi que aconteceu lá atrás?

MOTORISTA

Não foi nada, não, pode ficar tranquila. Nada de mais.

MARIA

Mas é claro que foi! O barulho foi forte!

MOTORISTA

Essas coisas acontecem sempre nas estradas, já vi muito. Não foi nada.

MARIA

Por favor, eu sei que o senhor está tentando me poupar, mas eu tenho o direito de saber. Por favor.

MOTORISTA

Foi uma ave, grande, acho que uma seriema. Ela estava muito perto da estrada, o carro bateu nela. Acho que é uma seriema, sim. Mas não morreu. Do lado dela tem um macho, vai proteger até...

MARIA

Até o que?

MOTORISTA

A natureza sabe o que faz.

MARIA

A gente devia ter socorrido.

MOTORISTA

A natureza sabe o que faz.

MARIA

Mas, desculpe, a estrada não é natureza, nem os carros, nem o seu carro.

MOTORISTA

Tem um macho do lado dela, ela não vai ficar sozinha.

MARIA

Como você sabe que era fêmea, a que está machucada?

E quem disse que a outra seriema é macho?

MOTORISTA

... É verdade, não sei com certeza, só pensei isso.

(O telefone celular de Maria toca. Ela finge não ter escutado.)

Não vai atender? Seu telefone?

MARIA

O senhor pare ali mesmo, ali na frente. Vou descer aqui.

MOTORISTA

Mas ainda não chegamos.

MARIA

Eu sei, mas quero descer aqui mesmo.

(O carro para, os dois descem, o motorista vai pegar a bagagem de Maria.)

MOTORISTA

Dona Maria Cândida, a senhora vai precisar do carro para retornar ao aeroporto? Se a senhora quiser deixar marcado, a gente deixa marcado.

Como a senhora preferir.

Aqui tem meu número. Pode me ligar e irei buscar a senhora.

MARIA

Obrigada. Vou ligar, sim. Aqui, o dinheiro.

(O celular de Maria toca novamente, dessa vez ela atende, enquanto o motorista vai embora.)

Alô? Eu não estou ouvindo! Alô? Oi? Olha, tem muito barulho por aqui, o sinal é péssimo, eu vou desligar, ok? Mais tarde eu ligo. Alô? Mais tarde eu tentarei ligar pra você.

(Maria desliga o celular. Está sozinha com sua mala. Cansada.)

(Aparece o moço da bicicleta, andando por ali.)

MOÇO DA BICICLETA

Olha, moça, cuidado com o celular, não fica dando bobeira que alguém leva, hein?

MARIA

Eu sei me defender, pode deixar.

MOÇO DA BICICLETA

Você é quem sabe, eu se fosse você prestava mais atenção.

MARIA

E quem disse que quero conversar com você?

MOÇO DA BICICLETA

Ei, calma aí, não precisa ser grosseira, também, só estou querendo ajudar.

Eu estou me lembrando de você. Acho.

MARIA

Não preciso da sua ajuda de caipira. Eu não lembro de você. Nunca te vi.

MOÇO DA BICICLETA

Está bem. Mas se eu fosse você, ficava esperta.

MARIA

Você não é eu.

(Maria pega a mala e começa a caminhar. O moço vai embora dando risada.)

Cena 4. NA CASA

(Na cozinha da casa, Ana prepara a comida. Sua mãe esta sentada à mesa, acompanhando os movimentos da filha. Ana faz uma massa, bate nela com força, cada vez que faz isso a farinha levanta como poeira.)

ANA

Pode falar, mãe. O que foi?

MÃE

Nada, não, só acho bonito.

ANA

E agora, faço o que?

MÃE

Agora separa a massa em três pedaços iguais e deixa descansar.

ANA

Acho que ficou muito mole, não acha?

MÃE

Não, não acho, não. Melhor assim.

ANA

Você sempre acha que está bom.

Agora eu vou te ensinar uma nova. Pode anotar, enquanto eu arrumo isso aqui?

MÃE

(que tem papel e caneta nas mãos, mas não escreve nada do que dita a filha)

Posso sim.

ANA

Nhoque recheado com queijo.

MÃE

Sim, pode continuar.

ANA

Dois quilos de batata cozida em água e sal.

MÃE

Sim.

ANA

Manteiga, farinha de trigo, alho, um copo de leite.

MÃE

Leite.

ANA

Isso, leite.

MÃE

Leite.

ANA

Precisa de uma superfície grande e fria, como uma pia, essa nossa pia serviria muito bem para esticar a massa do nhoque.

(a mãe se levanta, vai até a janela)

MÃE

Leite.

ANA

A primeira coisa é cortar o queijo em cubinhos bem pequenos. Mãe, anota, vai?

MÃE

Sim.

ANA

O que você está vendo aí?

MÃE

Está ventando hoje.

A gente não vai fazer o jantar?

Precisamos começar, senão não vai dar tempo.

ANA

Dar tempo de que?

MÃE

De fazer tudo antes deles chegarem. Queria que fosse surpresa.

ANA

Seremos só nós duas hoje. E já está tudo feito.

MÃE

Você devia parar com isso. A casa devia estar cheia. É uma casa tão grande, devia estar cheia de gente. Eu não posso viver assim isolada de todo mundo, do jeito que você quer.

ANA

Eu?!? Não sou eu quem isola você, mãe. É que não tem mais ninguém por aqui, só isso. Concordo que a casa seja grande demais. Ficou grande. É difícil pra mim.

MÃE

Não queria que fosse assim.

ANA

Nem eu. Vou fazer o possível. Pode confiar.

(a mãe volta a se sentar à mesa)

MÃE

Está ventando forte. Não é dia de sair, hoje.

ANA

Consegui colocar a placa. Você viu? Vamos esperar, agora. Amanhã o corretor de imóveis vem ver, pedi a ele que viesse. Ele vem amanhã.

MÃE

Ana, quantos anos você tem, mesmo?

ANA

(Fala enquanto a mãe adormece apoiada na mesa.)

Veja se consegue adivinhar. Quando eu nasci você tinha vinte e três, certo?

Faça a conta, então. Quantos anos eu faço, no mês que vem?

(Ana se dá conta de que a mãe adormeceu. Ela para de fazer o trabalho, retira com cuidado a mãe da mesa, leva-a para descansar em outro cômodo.)

Cena 5. NA VARANDA DA CASA, faux raccord

(Maria vem chegando à casa de Ana, cansada, com sua mala e o pequeno buquê de flores nas mãos. Ao longe, vê a placa de “VENDE-SE”. Ela larga a mala e as flores ali mesmo onde está, corre até à frente da casa, retira a placa com facilidade e certa raiva, bate na porta.)

MARIA

Ana! Ana!

(Ana vem atender, mas ainda não abre a porta.)

Ana, sou eu, Maria! Abre, Ana!

ANA

Quem é?

MARIA

Eu, Maria, sua irmã. Abre pra mim?

(Ana abre a porta meio desconfiada. Quando vê a irmã, corre pra ela e lhe dá um abraço muito forte.)

ANA

Maria! Como pode ser!? Maria, há quanto tempo! Por que não veio antes, meu deus, que saudade de você!

Se eu soubesse que você viria hoje, se eu soubesse por onde você andou, o que viu, o que não quis ver, a quem escutou, a quem amou, se eu soubesse disso tudo eu teria preparado um jantar maravilhoso pra nós duas, com algumas coisas que eu sabia que você gosta, algumas que eu ainda me lembro mais ou menos que você gosta e ainda uma sobremesa que você não conhece, pra te surpreender. Mas eu não sabia que você estava chegando. Eu não sei de nada, passou muito tempo e muito silêncio e quase um abismo.

Veja como está linda..! ai, nem sei o que dizer! Onde você esteve? Está cansada, quer entrar?

(Abraça-a novamente.)

Maria, nem acredito!

MARIA

Ana, por que vai vender a casa?

ANA

Entre, depois te explico tudo. Temos muito o que conversar.

MARIA

Eu tirei a placa.

ANA

Não tem problema, entre, depois eu te explico e coloco de novo, vem. Entra.

Nossa, como você está bonita...!

(as duas entram, a porta se fecha.)

6. NA VARANDA DA CASA

(Como se fosse uma repetição da cena anterior, Maria vem chegando à casa de Ana, cansada, com sua mala e o pequeno buquê de flores. Ao longe, vê a placa de “VENDE-SE”. Ela caminha ainda devagar, criando coragem para enfrentar a irmã. Quando chega à porta, deixa sua mala no chão sem fazer barulho. Escuta se há ruído lá dentro. Sente o cheiro da comida sendo preparada. Recua alguns passos, tira a placa da parede. Finalmente resolve bater à porta, com as flores nas mãos.)

MARIA

Ana! Ana!

(ela bate à porta novamente)

Ana, você está aí? Tem alguém aí?

(Maria tenta enxergar o interior da casa por outra janela lateral)

Ana? Eu estou sentindo o cheiro da comida... Ana, abre, vai?

Ana? Sou eu, Maria Cândida.

Ana! Alguém em casa? Oi!

(O telefone celular de Maria toca. Ela vai atender, deixa-o cair, atrapalhada, por fim, atende. Enquanto fala, Ana aparece um pouco na janela, escuta a conversa sem deixar que a irmã perceba que ela está ali.)

MARIA

(irritada, tentando concordar com a pessoa que telefonou)

Estou escutando, sim. Melhorou. Ainda não tinha dado tempo. Sim, você tem razão. Eu tenho pensado nisso, tenho tentado.

(tempo de escuta)

Não acho que isso seja um problema ético. Tem um fato tomando conta das pessoas todas, todo mundo que eu conheço, e você também, ninguém consegue dar conta do que se propõe, essa é a verdade.

(tempo de escuta)

Você também, claro!, lógico, você também, eu também, como queira!

Olha, agora eu não posso falar muito, à noite eu te ligo e a gente conversa melhor, pode ser? Eu vou entrar agora, depois a gente se fala. Tenho que desligar, já me chamaram, aqui.

(desliga o celular. Ana voltou a se esconder, mas derrubou algo dentro da casa, fazendo barulho. O cachorro da casa vizinha começa a latir forte.)

MARIA

Ana!

Eu escutei o barulho, abre a porta, vai? Eu sei que você está aí.

(fica irritada)

Caramba, Ana! Sou eu, Maria!

(irritada com o cão)

Xiu!, cala a boca, cachorro, fica quieto!

(o cachorro continua a latir)

Ana, eu estou sentindo o cheiro da carne assada, você está aí, não está?

Ana!

(Ainda irritada, pega as flores, solta seu corpo diante da porta e se senta, apoiada nela, como quem desiste, por hora. Ana se senta também apoiada na porta, pelo lado de dentro, com muito cuidado e delicadeza, para que a outra não perceba. As duas permanecem ali durante algum tempo. O cachorro para de latir. Silêncio. Uma música soa ao longe, em outro lugar da cidade. Maria adormece.)

(Passa por ali um vendedor de doces, que faz um barulho alto com uma matraca para chamar seus fregueses. A mãe sai da casa de chofre, corre atrás do vendedor de doces, deixando Maria cair quando abre a porta. Ana sai correndo atrás da mãe, tem um par de chinelos nas mãos.)

ANA

Não sai sem os chinelos, está frio! Depois fica doente!

(Maria, que acordou de repente, levanta-se assustada. Ela não vê a mãe. Só vê a irmã, e vai até ela, no meio da rua. O vendedor já se afastou.)

MARIA

Por que não abriu a porta pra mim?

(Ana coloca os chinelos da mãe e, sem responder à irmã, leva a mãe para dentro da casa, fecha a porta com ela já dentro. Maria ainda não vê a mãe. Ana caminha de volta em direção a Maria.)

ANA

Com que direito você tirou a placa de lá? Eu gastei a manhã toda pra conseguir fixar no alto. Me dá a placa. Onde está ela?

MARIA

Podemos conversar?

ANA

Não, me dá a placa.

MARIA

(irritada) Ah, se eu pudesse eu começaria essa conversa de novo!

ANA

Me dá a placa, Maria.

MARIA

Por que você saiu correndo de dentro de casa daquele jeito? Eu levei um susto.

Passou como uma maluca, me atropelou, eu estava dormindo.

ANA

(irônica) Desculpe se te acordei.

(Ana sai andando de volta à porta. Maria a segue. Ana para, sem abrir a porta.)

Me dá a placa.

MARIA

Meus Deus, pega a placa, que coisa, toma!

(Maria pega a placa e dá à irmã.)

ANA

Eu não vou deixar você entrar. Essa casa não é sua. E eu não sei quem você é.

(Ana entra de súbito em casa com a placa. Maria, incrédula, fica parada na varanda.)

MARIA

Não acredito que vai me deixar aqui, plantada na varanda. Eu estou cansada da viagem longa, sabia?

(pega as flores nas mãos)

Eu te trouxe flores.

(Ana sai de casa com martelo e pregos e começa a tentar recolocar a placa, violentamente.)

Vai conversar comigo ou não?

(respira fundo, tomando paciência)

Por que não pode dialogar, Ana?

(pausa)

Por que não me deixa entrar?

Infantil, isso, você sabe; espero que saiba, ridículo.

(Ana tenta colocar a placa com obstinação e detalhamento. Depois de conseguir, acende no interruptor a luz da varanda, pois está ficando escuro. Maria vai até ela: segura seus braços, as duas irmãs se olham frente a frente.)

MARIA

Eu voltei pra te ver, saber como está. Eu sei das dificuldades que você tem passado, eu fiquei sabendo. Por favor, me deixe ajudar.

ANA

Quem te contou que passei por “dificuldades”?

MARIA

Isso não importa, agora. Você não precisava ter me recebido mal.

ANA

O que veio fazer aqui, de verdade?

MARIA

Não acho que você deva vender a casa. Eu vim pra ficar com você.

ANA

Não interessa, Maria, você nem existe mais.

MARIA

Esse é o lugar em que a gente nasceu e passou toda a nossa infância...! A gente passou todo o começo da nossa vida aqui. Por favor, Ana, me escute. Essa casa é a nossa história.

ANA

História que eu prefiro esquecer. Já esqueci. Chega.

MARIA

Eu te peço pra dividir esse momento da vida comigo, de novo.

ANA

Dividir, coisa nenhuma. Dividido é o que sempre foi.

(Maria repara que Ana se machucou com os pregos, a mão dela sangra.)

MARIA

(indo até mais perto da irmã, um pouco assustada)

O que foi isso? Machucou?

Nossa, é perigoso, isso, pode ser de metal enferrujado...!

Deixa eu ver. Espera, vou pegar um curativo.

(Maria vai até suas coisas, sua bolsa, procura uma atadura com dificuldade, por conta da desorganização, deixa cair tudo. Seu celular começa a tocar.)

MARIA

Espera, espera aí. Toma.

Tem curativo também.

(Atrapalhada, derruba tudo de novo, acha um antisséptico, não consegue abrir, deixa derramar o líquido todo no chão.)

(Ana acaba cuidando de tudo sozinha, retoma o frasco, abre, limpa, põe o curativo em si mesma, com muita eficácia.)

ANA

Não vai atender ao telefonema?

MARIA

Posso ajudar?

ANA

Não precisa.

(Uma rajada de vento mexe nos cabelos das duas. Ana fecha os olhos para receber o vento nos cabelos. Um ruído de porta batendo forte assusta Maria, que ri nervosa. As janelas da casa batem.)

(Chega uma pessoa, alegre, que veio buscar a comida feita por Ana, uma encomenda para uma festa. Cumprimentam-se.)

CLIENTE DE ANA

Oi Ana! Eu vim buscar as coisas, já estão prontas?

ANA

Sim, claro que sim, vou buscar. *(Ana entra na casa.)*

CLIENTE DE ANA

E você, é amiga da Ana?

MARIA

Sou a irmã dela. Maria Cândida, muito prazer.

CLIENTE DE ANA

Ah, você foi estudar em outra cidade. Voltou, agora?

MARIA

É, voltei. Eu não fui estudar, não.

CLIENTE DE ANA

Faz tempo, não é? Sua mãe sempre falava de você.

(Ana volta com as encomendas, escuta a conversa, não gosta do que ouve.)

MARIA

Minha mãe falava o que, de mim?

ANA

Precisa colocar no forno aquecido, meia hora antes, ok?

CLIENTE DE ANA

Nossa, o cheiro está maravilhoso.

MARIA

A minha irmã é incrível, não acha? Ela cozinha como ninguém, sempre foi muito talentosa. Mas agora ela quer vender a casa, eu acho um absurdo, vim falar sobre isso com ela.

CLIENTE DE ANA

Vender a casa, Ana?

É sério, isso?

E você, vai pra onde?

(Ana corta a conversa delicadamente)

ANA

Ainda não sabemos de nada... Olha, esse aqui tem que chegar rápido e colocar só um pouquinho no forno bem baixo, tá? O molho está bem fechado, mas toma cuidado, acho melhor segurar assim. Isso, assim. Boa festa, hein? Parabéns! Amanhã quero saber como foi, se a Letícia gostou também!

CLIENTE DE ANA

Por que, você não vai?

ANA

Amanhã quero saber como foi, se a Letícia gostou também!

CLIENTE DE ANA

Leva sua irmã!

ANA

Não, obrigada mesmo, ela acabou de chegar e está muito cansada, fica pra próxima.

MARIA

Eu não estou cansada.

(Ana se despede do cliente, olha para a irmã com raiva, acena mais uma vez se despedindo de longe. Ana não entra em casa, mas fecha a porta com a chave. Já está anoitecendo.)

ANA

Deixa sua mala aí mesmo. Vem, nós vamos dar uma volta.

MARIA

O que foi que eu fiz?

O que foi que eu fiz, agora?

ANA

Vai, Maria, vem que eu, sim, estou cansada.

(Maria obedece, deixa a mala ali, caminha para fora.)

MARIA

Quem é essa Letícia, a da festa? Eu conheço?

(Ana não responde. Sai caminhando, Maria vai atrás dela.)

(Quando as duas saem, a mãe entra em cena, acompanha a saída das filhas com o olhar. Tem a aparência muito frágil. Ela segue as duas filhas com alguma distância. O moço da bicicleta passa, procurando alguma encrenca por ali.)

Cena 7. A CAMINHO DA ESTAÇÃO

(Elas caminham em direção a uma velha estação de trens.)

MARIA

Pode andar um pouco mais devagar?

(Ana não responde)

A mamãe está enterrada naquele cemitério ali?

(Ana faz que sim com a cabeça)

Eu queria ter vindo ao enterro.

(Ana não responde)

Não faz essa cara, Ana. Eu conheço essa cara muito bem. Não foi culpa minha, eu nem fiquei sabendo a tempo. Você me avisou três meses depois! Eu fiquei sabendo por um recadinho na caixa postal, depois de três meses!! O que queria que eu fizesse? Que viesse correndo, depois de três meses? Você não me avisou, Ana!

ANA

Eu tentei falar com você várias vezes, quando ela ainda estava doente. Você nunca retornou ligação nenhuma.

MARIA

Você podia ter mandado um recado escrito, pra eu saber do que se tratava. Se eu soubesse que ela estava doente, teria vindo.

ANA

Eu não gosto de recado escrito, de mensagem. Gosto de falar pessoalmente, ainda mais coisas desse tipo.

MARIA

Você não sabe como a minha vida é corrida, Ana. Eu não tenho tempo pra nada.

Pode andar mais devagar, por favor?

(Ana para de andar)

Olha, eu sei que você me acha um monstro. Que deixei você sozinha segurando tudo. Eu sei que você se acha uma vítima, “coitadinha de mim que fui abandonada”, mas você também não sabe o que eu passei.

(Ana volta a caminhar)

Por que você não retornou nenhum telefonema que eu fiz depois? Você acha que eu nunca pensei em você? Que eu nunca pensei na mãe? Acha que

eu nunca precisei de vocês, que nunca me senti sozinha? Eu precisei ir embora, Ana, eu estava enlouquecendo por aqui, eu precisava ir atrás dele. Eu fui atrás dele, eu vi o papai adoecer, definhar por conta das lembranças, da culpa. Eu não podia ter ficado aqui como você, esperando que o vento trouxesse respostas!

ANA

Você sempre foi mais parecida com ele, mesmo.

MARIA

Agora eu sei que vai começar a me acusar.

ANA

A luz está acesa, está vendo?

MARIA

O que foi?

É ali?, naquela luz acesa lá?

(tenta ver melhor, reconhece um pouco o lugar.)

É o galpão das máquinas...? Dos trens?

(Ana não responde e volta a caminhar, seguida por Maria. Elas entram no galpão em ruínas, que dava acesso a uma antiga plataforma de trens. Elas entram, notam as paredes, completamente tomadas por palavras escritas a giz. Ana conhece bem o local, Maria se surpreende.)

MARIA

Tem cheiro de óleo de trem.

ANA

Faz tempo que a estação está fechada. Ninguém vem mais aqui.

Maria

Eu gosto desse cheiro. Se ninguém vem aqui, como a luz está acesa? Quem acendeu?

ANA

Veja só que bonito. Ainda está aqui, depois de tantos anos.

(Maria está perplexa ao ver as coisas escritas nas paredes.)

Todos começam do mesmo jeito. Veja este: “Meu adorado: meus ossos doem de saudade. Quase não consegui caminhar até aqui, hoje, por causa disso.”

E este: “Meu adorado: tenho medo de que minha cabeça comece a me trair, tenho medo de que um dia eu acorde e não saiba mais escrever, porque esqueci como se faz... porque minhas letras nasceram de você, e você não está.”

(Silêncio)

Você não vai falar nada?

MARIA

Isso é giz?

ANA

É giz, sim. Ninguém apagou nada, todo mundo achava lindo. Algumas pessoas até começaram a descer na estação daqui e esperar pelo próximo trem, só pra ler o que a minha mãe escrevia. Às vezes ela dançava.

MARIA

Era minha mãe também.

ANA

(Irônica) Desculpe, é o hábito, a mãe ser só minha, ser filha única. Tinha gente que até copiava, sabia?, copiava em caderninhos. Sabe-se lá aonde essas palavras foram parar. Mas de qualquer maneira não chegaram até ele. Senão ele teria voltado.

(silêncio)

Ele teria voltado, Maria, não teria? Se ele soubesse como ela sofria?

MARIA

(lendo, nas paredes:) “Meu adorado: Eu aprendi a fazer as minhas letras nos moldes das tuas, passava minha tinta por cima do teu rascunho. Mas foi pouco. Preciso que você volte. Você me deve algumas lições, você me deve promessas, você me deve uma família, você me deve...”

O que está escrito aqui?

ANA

“Você me deve... um vestido azul.”

MARIA

Vestido azul..!

Eu não sei dizer se ele voltaria. Estava muito perturbado, dizia o tempo todo que não podia colocar a vida da gente em risco. Bebia muito, também, nem queria conversar direito.

ANA

Ela escrevia muitas cartas pra ele, confiava aos maquinistas para que entregassem, se alguém soubesse onde estava. Ninguém sabia, ou diziam que não sabiam, não sei. As cartas voltavam sempre. Ela ficou muito doente. Cada vez que soava o maldito apito do trem o peito dela dava um salto. Ficou

cada vez pior. Depois começou a escrever no asfalto, até. Faltavam paredes pra tudo que saía de dentro dela. Aí não teve mais jeito, não melhorava.

MARIA

Você está muito parecida com ela. Seu cabelo, é muito bonito.

ANA

(que não prestou atenção no que disse Maria) Eu preferia tirar férias e ir pra Ponta de Areia, talvez resolvesse tudo. Não sei, talvez. Nem existe, acho.

MARIA

Ana, eu queria agradecer... eu espero que você possa um dia entender que... como eu posso dizer... na verdade... será que a gente pode ficar com a casa? Tudo o que aconteceu... eu tenho um professor que me disse um dia que o que passou já não tem mais... ah, não sei. Acho que estou gripada.

ANA

Vem ver isso aqui, sobe por aqui, tenta ler.

MARIA

(Com esforço chega perto de uma frase, lê com dificuldade:)

“Se eu for capaz de esquecer, é porque nada nunca aconteceu.” “Eu não sei viver no meio. Preciso estar em uma das pontas. Ou sim ou não. O silêncio não serve, não é nem aqui, nem longe, é só silêncio.”

Nossa, que bonito...!

(A mãe aparece ali. Ana a vê. Maria continua a ler, não viu a mãe.)

MARIA

Foi ela quem escreveu isso, Ana?

“O amor se fez sempre o rosto do meu depois.” Você entende? Eu não entendo.

(relê, tentando entender)

“O amor se fez sempre o rosto do meu depois”.

Ana? Você entende isso?

(Ana não responde. Aproxima-se da mãe.)

ANA

(fala com a mãe)

É bonita, essa frase que a Maria leu.

MÃE

(enquanto escreve outras coisas)

É nova, mas não muito. Faz algum tempo, eu escutei. Do vento. São palavras do vento, palavras de sempre, por aí. Eu aprendi a escrever com ele primeiro, mas depois aprendi a escutar o vento.

ANA

Eu sei.

MÃE

Com seu pai eu aprendi só algumas, as primeiras. Essas vieram depois, atrás das daquelas, quando ele foi embora no trem.

Você sabe que ele foi embora no trem?

ANA

Eu sei.

MÃE

Não é possível voltar no trem, só ir.

ANA

(Fala com Maria)

Eu entendo, sim, Maria. Apreendi a entender.

Você não consegue ver, não é?

Agora desce daí. Ela morreu porque caiu daí, exatamente de onde você está.

A luz bateu nos olhos dela, reflexo do vidro, ela esticou demais o braço para escrever, desequilibrou-se, apoiou a mão na vidraça, que estava solta, não conseguia ver direito por causa do sol. A vidraça, caiu com o peso dela.

MARIA

Você viu como foi? Você estava aqui com ela?

ANA

Estava, sim. Eu vejo até hoje, as imagens daquele dia se repetem, infinitamente.

Eu não sei a extensão do mundo, Maria. Eu fiquei, eu fico sempre. O que eu falo nunca explica nada. Eu fiquei, cuidei dela, ela definhou, ela morreu, eu não. Eu fiquei sem dormir muitas noites, velando a fragilidade dela, velando a hipótese de que nós duas não tínhamos sido esquecidas. A casa ainda cheira a ela. Demorou muito para a casa deixar de cheirar você, e mais ainda para deixar de cheirar o cheiro daquele pai. Eu não quero mais isso. Anos inteiros, feitos de quatro estações diferentes, e o cheiro permanecia igual. Sentinela. Uma sentinela. Do que? Do que? Da sua volta? Da volta dele? Do apito do trem? Sentinela de uma mãe feita de giz?!? Ela se desfez, acabou. Embora eu estivesse sempre ali. Tudo se desfaz, o vento vai levar. Eu vou vender a minha casa. Já decidi.

(Ana sai dali, seguida por Maria, que desce a escada com muito cuidado. A mãe permanece ali.)

Cena 8. NO CAMINHO DE VOLTA À CASA

MARIA

A gente pode voltar pra casa?

ANA

É. Podemos voltar. Prefiro voltar pelo caminho mais longo, pode ser?

MARIA

Como quiser. A lua está linda, parece um sol. Vamos pelos trilhos, é isso?

ANA

É.

(As duas caminham sobre os trilhos. Encontram um animal morto, que provavelmente foi atropelado pelo trem de carga. As duas se assustam, mas Maria se assusta mais.)

MARIA

O cheiro já está forte ou piora depois? Quanto tempo, você acha?

ANA

Não sinto o cheiro ainda. Deve ter sido o trem da carga que vai pro porto, o que passou no começo da noite.

MARIA

O trem às vezes mata.

ANA

É só de vez em quando que acontece isso.

MARIA

Uma única vez já basta. Uma única vez pode destruir tudo. Só agora pensei nisso.

ANA

Por aqui acontece pouco. Lá de cima dá pra ver; a gente ouve um barulho, o trem para, desce alguém pra tirar dos trilhos... Aí o trem segue. Não tem porque o trem ficar parado por causa de um animal. Só se fosse uma pessoa.

MARIA

Sim, uma pessoa. O trem pararia se fosse uma pessoa.

Não sei se isso tudo valeu a pena, só agora estou me dando conta.

ANA

Sim, porque se o trem pega alguém, é preciso avisar, talvez até mesmo socorrer no próprio trem. E vem a polícia.

MARIA

Eu tive que ir atrás dele, Ana, espero que entenda isso. Toda vez que ele saía pra trabalhar eu tinha medo que ele não voltasse. Sempre vinha gente estranha em casa, lembra disso? E ele ficava apreensivo, às vezes muito nervoso. Quando ele foi eu tive que ir também. Eu não suportaria uma ausência sem repostas. Eu o encontrei na capital depois de muito esforço, ele queria se esconder, de nós, do sindicato, da polícia, dos antigos amigos do trabalho. Ele me contou que sempre esteve no olho do furacão, porque todas as mensagens dos trens passavam por ele, pelo telégrafo dele. Ele sabia muito, de todo mundo, sabia de tudo o que ninguém podia saber.

Mesmo antes de morrer ele já estava morto. Nos últimos meses, mexia os dedos nas mesas, tamborilava sem cansar como quem ainda escrevia num telégrafo imaginário, em qualquer lugar. Suava, tamborilava os dedos na mesa sem descanso, falava que tinha que evitar o pior. Nem me reconhecia, esqueceu meu nome, quem eu era.

ANA

Por que você não me deu notícias, Maria?

MARIA

Não sei me desculpar. Não teve jeito. Ele, de alguma forma, já tinha morrido, já não era mais o pai que eu conhecia. Não haveria o que socorrer. A problema todo na ferrovia transformou a pessoa. Ele já não era mais. Ele se tornou naquilo que pensava. Ou nunca havia sido outra coisa, quem sabe?

ANA

Ser pai é ser culpado.

MARIA

Isso se esquece? Pois não havia filhos nos olhos dele, não havia filha nenhuma no rosto cheio de sulcos, os olhos sempre vermelhos. Ele julgou que lutar contra o que destruía a ferrovia era mais importante do que lutar pela vida ao nosso lado. Lutar pelo trem era lutar pelas pessoas. Eu achei isso bonito, achei isso digno, os direitos de todos, que nem uma espada na mão. A gente precisa de gente assim. Mas ele virou outra pessoa.

ANA

Ele viveu bastante, depois que foi embora daqui?

MARIA

O trem, Ana. O trem o levou pra sempre. Mesmo que estivesse vivo ele não seria mais. Não, não viveu muito.

ANA

Já está amanhecendo. Está frio. Vamos pra casa, eu te faço um café.

Deixa isso aí, não se preocupe, que logo vem alguém tirar, alguém vai enterrar. Vem. Vamos por aqui.

(Maria e Ana caminham pela noite, em direção à casa.)

MARIA

Você vai vender a casa. Vai, não vai? Eu sei que você já decidiu.

ANA

Foi hoje que coloquei a placa.

MARIA

Por quê quer vender? Vai para onde?

ANA

Ainda ontem eu fiquei em dúvida. De qualquer jeito, você não iria entender, se eu te explicasse.

MARIA

Desculpe. A casa é só sua. Concordo. Decida o que for melhor.

ANA

Eu sei. Você não me conhece mais.

MARIA

Seria muito bom tomar um café.

ANA

Eu sei.

(o moço da bicicleta aparece por ali, passa por elas, volta, provoca)

MOÇO DA BICICLETA

Não tem ninguém aqui. Que horas são?

(Elas não respondem, continuam andando)

Senhoras, minhas senhoras, minhas senhoras, vocês estão ficando com medo? Eu só perguntei que horas são, porque parece tarde.

Que horas são?

MARIA

Difícil. Sai pra lá, seu moleque, a gente está conversando.

ANA

Deixa, Maria. Não liga.

MOÇO DA BICICLETA

Ai ai ai, vai pagar com palmo de língua. Sabe o que é isso? Pagar com palmo de língua? Não me chame de moleque, não, viu, dona? Eu já sou maior de idade, faz tempo.

MARIA

Eu não sei o que isso, não, não estou interessada, não estamos interessadas, agora vai passando, dá licença que nós estávamos conversando.

MOÇO DA BICICLETA

Vocês não me enganam, não. Ninguém sai a essa hora da madrugada de casa pra andar por aí se não estiver procurando alguma coisa. Não estavam conversando, não, isso podia ser feito dentro de casa. Não acha? Não

precisa sair na escuridão pra conversar. Quem sai a essa hora está procurando, saiu de livre e espontânea vontade. Até hoje eu nunca me enganei. Mas eu, entendam aí, eu estou disponível. Agora não tem ninguém. Não tem polícia, porque a cidade tem pouca polícia, não tem dinheiro para ficar colocando policial em todos os lugares, eles acreditam, como eu, que as pessoas deviam ficar em casa, à noite, de madrugada. Agora não tem ninguém. Eu sou carinhoso, não digo isso pra ofender vocês, mas eu procuro ser muito carinhoso, falo baixo e tudo mais, e depois guardo segredo. Eu ofereço a encomenda e entrego o que prometi. Até hoje eu sempre colaborei, totalmente.

MARIA

Nós não queremos nada, muito obrigada, não queremos nada.

MOÇO DA BICICLETA

Ah, talvez eu não tenha me explicado direito, talvez eu não saiba falar direito como você que veio da cidade grande, é isso o que você deve estar pensando, eu sou só um motivo de curiosidade pra você, deve ser isso, você vem de outro lugar e quer saber como os pobres coitados da cidade pequena recebem você, talvez esperasse que eu fosse bem humilde, achasse você bem superior a mim, a ponto de não ter coragem de conversar com você de igual pra igual, é isso? Ou é uma questão de português, mesmo? Da língua portuguesa? Talvez eu não tenha o seu vocabulário, mas dá pra entender quando eu digo que sou carinhoso, que sempre fui, não dá? Você estava pedindo, hoje à tarde, eu vi que você estava pedindo. Você vem de longe e tem curiosidade, pois eu vou satisfazer a sua curiosidade, moça, porque você merece, quem sai de madrugada assim merece, eu sei, está pedindo.

MARIA

Sai daqui. Eu estou avisando.

MOÇO DA BICICLETA

Quem sabe? O que você faria, se eu não for embora? Vamos ver? Quem sabe? Você fala e não acredito em nenhuma palavra. Está morrendo de medo, que eu sei. Eu não vou sair daqui até você abaixar a sua petulância, mocinha. Você não sabe quem é. Eu não tenho medo de você. Eu já disse que vou ser carinhoso, quanto mais cedo você abaixar a guarda melhor pra vocês duas. Não tenho medo de ameaça. Você está aqui porque quer. Você estava pedindo. Você merece, você mereceu. Eu apareci. Você não se deu ao respeito antes e agora quer se dar. Uma cidade pequena como essa é cheia de valetas, de buracos, de poços perdidos no meio do caminho que ninguém mais lembra nem vai lembrar. Uma cidade pequena como essa é o lugar perfeito pra se perder porque ninguém vai lembrar, ninguém vai procurar. Essa cidade é uma cidade buraco, e eu mando no buraco, agora. Eu não vou deixar você sair sem a prova da hospitalidade. Você e sua irmãzinha, que eu estou cansando de avisar.

MARIA

Ana, vai andando na frente, eu te alcanço, vai andando, por favor.

ANA

Não vou, não.

MARIA

Ana, a situação é perigosa. Vai andando, chama alguém, eu vou resolvendo.

ANA

Você é um moleque, sim. Moleque. Um moleque desocupado e que não tem vergonha. Eu não vou aceitar a sua violência. Eu não vou aceitar que você tenha a coragem de acuar duas mulheres como nós só porque você acha que pode. Você não pode. Você não pode. Você não tem o direito. A rua é tão minha quanto sua. A madrugada é daqueles que querem o silêncio do resto do mundo. Eu estou cansada de você. Estou cansada de não responder aos seus insultos, de fingir que você não existe, de aceitar ficar calada quando você me provoca, estou cansada de mudar de caminho quando você aparece na esquina, cansada de entrar em uma loja qualquer quando vejo que sua bicicleta vem em minha direção. Chega, hoje foi a última vez. Eu não tenho medo de você, nós somos duas. E você é metade de alguma coisa que não devia existir no mundo. Chega. Acho bom você sair daqui. Eu não estava pedindo nada, ela não estava pedindo nada, só pede quem precisa e não tem, eu não preciso de você nem nunca precisei. Eu não mereço nada, nunca fiz por merecer. E quem seria você a dizer quem merece ou não merece o que quer que seja? Acho bom você sair agora. Dê-se você ao respeito, saia fazendo de conta que é de livre e espontânea vontade. Nós somos duas. Você é metade de algo que não devia existir. Saia daqui. Eu não estou ameaçado você. Eu estou dizendo que a partir de hoje chega. Não gosto de você.

MOÇO DA BICICLETA

Você está esquisita, Ana.

ANA

Chega, sai daqui, eu não te conheço.

MOÇO DA BICICLETA

A gente brincava junto quando era criança, Ana.

ANA

A regra agora é essa: eu ando, você sai da minha frente.

MOÇO DA BICICLETA

Naquele dia você quis.

ANA

Vem, Maria.

(Elas caminham em direção à casa. O moço fica parado, olhando.)

Cena 9. CHEGANDO EM CASA, , faux raccord

(Maria e Ana chegam na varanda da casa. Já está amanhecendo. Ana chora e tem muita raiva. Maria está tentando ajuda-la a caminhar)

ANA

Você é a mais velha. Você nasceu antes de mim. Nesse caso, se você nasceu antes de mim devia ter cuidado de mim. Devia ter me ensinado o mundo. Mas eu estou achando que você não tem a mínima noção do que eu estou gritando. Sabe o que passa a existir dentro do coração de alguém que não conhece o mundo? Pra quem o mundo não foi apresentado? Eu sei quem você é. Eu te reconheço e sempre foi assim, desde sempre. Você só olha pra frente. Você só se vê no espelho. Quando uma criança é pequena, é aí o momento mais importante. A gente aprende a ter ou não forças para suportar o tempo que for necessário para conseguir o que precisa. Eu aprendi. Eu chorava e conseguia leite. Eu chorava e conseguia coberta.

Aprendi que era possível esperar, que viria. Eu aprendi a ter forças para acreditar no que ainda estava por vir e sustentar o mundo até que acontecesse. Só que dessa vez você me traiu. O que tinha que vir não veio. Não virá jamais. Acabou. E eu continuo esperando, com forças para mais cem anos, até que o que quero venha a acontecer. Mas não virá. É traição. A alma para um lado, o corpo para o outro. Dói. Dói. Dói demais. Começa por aqui e segue doendo até o fim.

MARIA

Dói em mim também.

ANA

Por que você exige que eu te escute, que eu te note, que eu te considere, que eu cuide de você? Eu não posso fazer isso por você. Eu sou a dona dessa casa e de tudo que existe dentro dela e não posso fazer nada por você. Não posso porque eu não quero. Achei que nunca diria coisa semelhante. Eu não quero.

MARIA

Quer ir até a delegacia? Ele fugiu, Ana.

ANA

Pare de fazer perguntas. E por que eu iria à polícia?

MARIA

Alguém precisa saber que esse cara anda por aí fazendo isso, não é motivo suficiente?

ANA

Eu não estou chorando, eu não estou chorando.

Já chega, Maria, pega suas coisas, vai embora. Eu não posso mais com nada disso. Eu não gosto de ouvir sua voz, eu não gosto do seu jeito de fazer as coisas. Chega, vai embora.

(Ana abre a porta, entra, deixa-a aberta. Maria entra, com muito cuidado e devagar.)

Cena 10. CHEGANDO EM CASA

(Maria e Ana chegam à varanda da casa. Já está amanhecendo. Ana abre a porta.)

ANA

Vamos entrar? Preciso de um café. Preciso mesmo.

(Maria não responde, nem se move)

Ah, vai, Maria, entra logo!

(insiste, fazendo a “cena receptiva”)

Estou convidando...!

(Maria entra na casa, seguida por Ana, que vai direto à cozinha. Maria anda cuidadosamente, devagar, percebe as coisas. Pega sua bolsa.)

MARIA

Eu vou um instante ao banheiro, ok? Já volto.

ANA

Precisa apertar o interruptor algumas vezes, até a luz ligar, mas ela sempre liga.

MARIA

Tá.

(Maria entra no banheiro. Liga a luz, depois que insiste algumas vezes com o interruptor, como disse a irmã. Tranca-se do lado de dentro, encosta-se na porta. Fecha os olhos, escuta os ruídos do amanhecer naquele lugar – pássaros, os ruídos de Ana na cozinha, etc. Ela abre a bolsa, encontra o celular, que não funciona. Ela tenta fazer uma ligação, mas não consegue. Joga-o de volta na bolsa. Abre a porta para sair, volta, abre a torneira, joga um pouco de água na cara, arruma um pouco o cabelo, olha-se no espelho, coisas assim. Depois, sai em direção à cozinha. Ana está arrumando o café da manhã, coloca quatro lugares à mesa.)

ANA

Pode pegar o queijo, ali em cima?

MARIA

Onde?

ANA

Ali.

(Um ruído forte de pancadas na porta, que não assusta as irmãs. Maria vai atender. O pai entra na cozinha.)

PAI

Deixa, Maria, vai lá pra dentro.

Deixa que eu vejo quem é.

(Ele vai abrir a porta, mas Maria o segue, escondida, vendo tudo.)

POLICIAL

Você precisa vir comigo.

PAI

Por quê?

POLICIAL

Mandaram trazer você para testemunhar o depoimento.

PAI

Mas hoje eu não posso, é meu dia de folga.

POLICIAL

Não é um pedido, Silvério. Espero que entenda o que eu digo.

PAI

Depoimento de quem?

POLICIAL

De três dos seus subordinados.

(pausa)

PAI

Eu vou em meia hora. Não precisa me esperar. Eu irei.

(O policial estende a mão para o pai, que retribui o gesto e fecha a porta.

Caminha para a cozinha, não repara quando passa por Maria escondida. Ela o segue, logo após sua passagem.)

(O pai senta-se à mesa com a mãe e as duas irmãs, tomam juntos o café da manhã em silêncio. O pai está absorto em seus pensamentos, Maria olha para ele fixamente.)

MARIA

O cheiro desse café não tem igual.

(pausa. Eles comem. O pai e a mãe estão ali, mas não falam nada.)

Eu acho que a casa não deve ser vendida, Maria. Pensei bem, considere muitas coisas, eu acho que é um erro, sinceramente.

(Ana sorri)

E se você fizer as contas vai ver que não compensa. A menos que você soubesse muito bem o que quer, porque hoje não se pode vender e não comprar imediatamente. O dinheiro some.

ANA

(sorrindo)

Eu sei o que eu quero.

MARIA

(que não escutou o que Ana disse)

Pensa bem, os preços dos imóveis: não é real; se vende pelo que não vale, se compra pelo que não se pode. Acho que você não devia vender, Ana. A gente pode pensar numa alternativa, mesmo, eu quero te fazer companhia nessa história. Fiquei impressionada com a coisa do aeroporto, tão perto daqui, parece que tudo mudou, na estrada a gente pode ver. Estava cheio de gente num aeroporto pequeno, quem podia imaginar...? A gente pode ir de avião pra outras cidades menores, que não são só as capitais. O aeroporto

está muito bonito, eu achei. Acho que seria ótimo transformar a casa num negócio - agora que... agora que você não tem a pensão da ferroviária, da mamãe, que era boa, não era? Vocês tinham a pensão, não é? Eu cuidei dos papéis todos, à distância. Receberam tudo certinho? Era eu quem fazia os depósitos.

ANA

A pensão era boa, sim. Era dela, a pensão, não minha.

MARIA

Eu sei, Ana, que não era sua. Mas devia dar e sobrar pra vocês duas, não?

ANA

Eu não vou entrar nesse mérito com você. Eu não vou cair na armadilha de discutir o que custou o que. Eu não vou nem sequer admitir o que você pensa insinuar.

MARIA

Não insinuo coisa nenhuma! É claro, pra mim, que as coisas tinham que ficar sob seu controle, já que foi você quem cuidou dela esse tempo todo, não? Eu cuidei dos papéis todos!

ANA

(irônica)

Muito obrigada.

MARIA

Não, não é para agradecer, eu fiz tudo o que eu pude, e eu sei que foi pouco, mesmo assim.

ANA

Parece que vai chover.

MARIA

Então, eu pensei que, com essa coisa do aeroporto... a cidade é bonita, histórica, tem cachoeira, seria bom uma pousada, não acha? A casa é grande, a gente podia oferecer vários quartos. E você cozinha bem. Não tem hotel decente na cidade, só aquele perto da rodoviária, aquilo não dá...!

(pequena pausa)

Eu quero voltar a morar aqui com você, podemos fazer tudo juntas, reformar a casa, administrar... o que acha?

ANA

Que mesmo saber o que eu acho?

MARIA

Tem também umas maneiras de fazer parte de clubes, umas espécies de clubes de turismo, de pousadas em meio à natureza, chamam assim, porque, mesmo que as pessoas não conheçam a cidade, conhecem o site e acabam vindo. Só podem entrar pousadas boas, dentro de um determinado critério de qualidade de instalações e serviços, mas eu conheço muita gente legal que pode ajudar, tenho uma amiga que desenvolve projetos autossustentáveis, de ecoturismo.

ANA

Foi pra isso que você voltou.

MARIA

Foi, pra ver você.

ANA

(incrédula)

Maria, olha pra mim: foi pela casa, é isso?

MARIA

Por você, foi primeiro por você. Estou muito disposta a te ajudar.

(Ana perde a paciência, começa a recolher as coisas do café. Fala enquanto arruma tudo)

ANA

Eu perguntei por que você veio, não minta pra mim. Eu não quero mais coisas esquisitas, escondidas. Chega, Maria. O que você veio fazer aqui? O que te empurrou pra cá? Está sem emprego?

MARIA

Desse jeito eu me sinto mal.

ANA

Eu não acredito que você quer ficar. Fogo de palha.

MARIA

Juro. Olha, estou com as pernas descruzadas. Não tenho porque mentir.

ANA

(joga a louça com força)

Não, não estou falando de mentir, estou falando de dizer verdades. Ok, você veio, viu tudo, agora sabe de tudo, mas eu não quero depositar minha alegria em você. Nenhuma. Agora que estou aprendendo a viver por mim – e não estou falando do dinheiro, se é isso que você esta pensando! – viver por mim, sem esperar ninguém, sem esperar notícia de ninguém, sem temer que alguém morra, sem se preocupar se tomou sereno, se calçou os chinelos, se está triste, se comeu bem – porque ela dizia que comia, Maria, ela dizia que comia e jogava tudo fora no lixo quando eu virava as costas, pensa que foi fácil? Agora eu não tenho ninguém, tenho a mim, acabou, eu vou vender a

casa sim, que é minha e não está sob discussão, eu vou vender a casa e fazer o que eu quiser, e sobre isso eu tenho clareza, embora não queira definir agora o que exatamente vou fazer. E isso não inclui você. Ouviu? Inconveniente. Não inclui você desde que foi embora e nunca deu notícia.

(pausa)

MARIA

Quer que eu coloque a vassoura atrás da porta? É isso que se faz quando a gente quer que as visitas vão embora.

ANA

Para com graça. Não é hora de fazer graça.

(Pausa. Maria não sabe o que fazer)

(Outro ruído forte de pancada, dessa vez na porta da cozinha, nos fundos da casa. O Pai vai abrir, o vento que vem de fora entra na casa. A mãe se levanta e sai dali.)

PAI

(que fala com o amigo na porta)

A gente não terminou de tomar café.

AMIGO

Desculpe incomodar.

PAI

Quer um pouco?

AMIGO

Você sabe que você me ferrou.

PAI

(fala para Maria e Ana)

Vão ajudar sua mãe com a limpeza.

(Ana e Maria saem da mesa, mas escutam a conversa de perto. O pai e o amigo se sentam.)

(fala para o amigo:)

Eu não tinha escolha.

AMIGO

Por que não podia me dar essa chance? Você sabe por que eu pedi para assinarem por mim...!

PAI

Sei, mas não concordo. Você se expõe demais, assim. Expõe todo mundo.

AMIGO

Mas alguém tem que fazer alguma coisa.

PAI

É preciso fazer e é preciso não fazer.

AMIGO

E você escolheu não fazer?

PAI

Eu sou teu chefe. Se continuar agindo assim, expondo tudo assim, você põe tudo a perder. Tudo vai ser perdido porque um idiota assinou o ponto no seu lugar.

AMIGO

Eu pedi.

PAI

Pois não peça. Você pode estragar tudo por causa de um ponto não assinado.

AMIGO

E agora eu me ferro?

PAI

Ou é você ou é todo mundo.

AMIGO

Não concordo, não concordo, você poderia ter negado a mentira, era só falar qualquer coisa, eles confiam em você.

PAI

E vão continuar a confiar. É preciso que eles continuem a confiar em mim, ainda que eu perca um amigo.

AMIGO

(irônico)

Eu sou seu amigo?

PAI

Era.

AMIGO

... Estou fora...?

PAI

Cumprir promessas e não cumprir promessas. Deve-se saber lutar e não lutar.

(O amigo abre a porta, e sai, deixando-a aberta. O vento entra. O pai se levanta, olha para fora, resolve seguir o amigo. Maria vai atrás dele, fecha a porta atrás de si. A mãe se junta a Ana.)

ANA

Eu não estou com raiva.

MÃE

Ainda tem leite?

Como é que eu poderia te explicar...?

ANA

Tem leite, ainda está quente. Posso fazer um café novo, se quiser. É que às vezes o que alguém está dizendo não combina com o que faz, com o jeito que faz, com o jeito que fala. Eu não estou com raiva dela. Eu só não acredito muito, é isso.

MÃE

Tem uma regra que é assim: primeiro a gente confia, por questão de princípio. Só depois muda, se for o caso. Seu pai um dia me olhou nos olhos, a gente era bem mocinho, ele segurou a minha mão como quem desejava tudo comigo, pra sempre, olhou nos meus olhos e disse: e se o carro se arrebentar na curva? E se eu não for capaz? Eu disse a ele que, se isso acontecesse, a gente consertaria o carro. Ele sorriu, confiou; eu sorri, confiei, gostei do que eu disse, foi bonito.

ANA

Mas olha só nos duas aqui, agora. Ele foi embora, ela foi embora. Agora só eu. Depois do confiar vem o que?

MÃE

Teria que conseguir transformar em outra coisa.

ANA

Transformar em que? Acredita que Maria quer mesmo ficar comigo? Não quer nada, mãe.

MÃE

Você nunca vai saber se a escolha é certa ou não. Depois de escolher, a outra coisa não existe mais.

ANA

Fico com a casa, então? Com a Maria também?

MÃE

Está esfriando. É difícil passar um dia sem mentir.

(O pai volta e se senta, em silêncio. Ana vai buscar os cadernos da mãe, põe na mesa. Abre os cadernos, começa a folhear as páginas repletas de palavras escritas à mão.)

ANA

Mãe?

MÃE

Estou um pouco cansada...

ANA

Pode fazer a cena pra mim?

(para o pai, que, sentado, toma um café)

Pode fazer, pai?

Do jeito igualzinho?

(Ele sorri, se levanta, pega vários lápis e borracha numa gaveta, organiza o local da cena. A mãe se senta, sorri um pouco envergonhada para Maria, ajeita a cadeira. O pai se coloca ao lado dela, em pé, abre o caderno na página certa.)

MÃE

Cadê sua irmã? Ela não vem?

PAI

Vamos começar logo, daqui a pouco Maria volta, não se preocupe.

(Ele pega o lápis, escreve uma frase no caderno. A mãe pega o lápis, escreve na sequência, na atitude de quem se esforça para copiar letras, sob a aprovação do pai a cada palavra.)

PAI

Você poderia escrever alguma coisa da sua cabeça, agora, não? Ao invés de copiar?

MÃE

Da minha cabeça? O que eu poderia escrever da minha cabeça?

(fala com Ana)

Ana, descansa, dorme um pouco. Eu prometo que fico aqui. A gente continua a cena, pode descansar.

(A mãe escreve. Ana sai dali, deita-se no sofá, um pouco distante, adormece)

(Maria entra, vê um pouco a cena dos pais que logo se desfaz. Vai até onde Ana está deitada. Senta-se ao lado dela, tenta fazer seu telefone celular funcionar, sem sucesso.)

(Maria acorda Ana com cuidado, delicadamente.)

Cena 11. O COMEÇO DO FIM e O FIM DO COMEÇO

MARIA

Ana? Ana? Você tem um telefone que eu possa usar?

ANA

(responde sonolenta, imprecisa, meio acordada, meio dormindo)

Oi, Maria. Tenho sim, no meu quarto lá em cima.

MARIA

Não, deixa, depois eu resolvo isso.

(pausa)

ANA

Está bem. Eu aceito.

MARIA

Aceita? Aceita o que?

ANA

O sonho fora do sono. Vamos lá.

Fazemos a reforma na casa, tocamos o barco, uma pousada ou qualquer coisa assim. Eu sei cozinhar bem.

Eu aceito. Você fica, então. Eu vou confiar em você. Você voltou.

Traz a mala, vou te mostrar o quarto que era o seu.

(Ana adormece enquanto fala. Maria fica ao lado dela, inquieta pelo que disse a irmã. Levanta-se, diminui a luz, sai dali levando sua mala, deixando Ana dormir sozinha. Começa a chover muito forte.)

(Depois, já amanhecendo, já não chove mais. Ana acorda com batidas na porta. Maria vem atender. Ana vai despertando lentamente e escuta a conversa.)

MOTORISTA

Choveu bem, não foi? A noite toda, todinha. Lá na minha casa até caiu um barrquinho de terra que tem atrás. E a senhora, Dona Cândida, passou bem?

(Maria confirma com a cabeça)

Eu cheguei um pouco mais cedo pra gente não correr o risco de se atrasar. Tem gente que acredita no caminho livre, eu sou mais precavido, que é melhor, pra não pegar trânsito, a senhora não acha? Quarenta, cinquenta minutos, a gente já está lá....

MARIA

(fala baixo, não quer acordar Ana)

Chegou muito cedo mesmo. Eu não estou pronta, ainda.

MOTORISTA

Desculpe, não tem problema, eu espero no carro. Quando a senhora estiver pronta eu carrego sua mala.

MARIA

Está bem, obrigada.

(Maria fecha a porta e percebe que Ana está acordada e que entendeu a conversa toda.)

Merda...!

Desculpe, Ana, acordei você...?

ANA

Não tem problema.

MARIA

O motorista veio, chegou mais cedo. Eu ia te contar, mas você adormeceu muito pesado, ontem. Não quis te acordar.

ANA

Não precisa explicar nada. Eu sempre soube.

MARIA

Não fique com raiva de mim. Eu preciso...

ANA

Chega, Ana. Pega logo suas coisas, o motorista está esperando.

MARIA

Quando eu vim pra cá eu pensei, sinceramente, pensei que conseguiria.

ANA

Pouco importa.

MARIA

Podemos nos falar por telefone toda semana?

ANA

Não sei.

MARIA

Mas saiba que sempre estarei por perto.

ANA

Eu não sei onde estarei. Pouco importa.

MARIA

Eu quero só o teu bem, acredite.

Foi muito importante ter vindo.

ANA

Foi, foi importante. Sem dúvida. Caro demais.

MARIA

Você vai ficar bem?

ANA

Vai embora, Maria. Chega.

(Ana sai dali. Maria pega suas coisas, abre a porta e sai. O motorista vem ao seu encontro. Ele pega a bagagem, põe no carro. Vão embora. Ana vê tudo de dentro da casa.)

FIM